

DO CÉU AO INFERNO: NARRATIVAS SOBRE A PERFORMANCE DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL NO JORNAL *FOLHA DE SÃO PAULO* (2013-2014)

FROM HEAVEN TO HELL: NARRATIVES ON THE PERFORMANCE OF BRAZIL'S NATIONAL FOOTBALL TEAM IN THE NEWSPAPER FOLHA DE SÃO PAULO (2013-2014)

DEL CIELO AL INFIERNO: NARRATIVAS SOBRE EL RENDIMIENTO DE LA SELECCIÓN BRASILEÑA DE FÚTBOL EN EL PERIÓDICO FOLHA DE SÃO PAULO (2013-2014)

Everton de Albuquerque Cavalcanti*, Juliano de Souza**,
 André Mendes Capraro*, Wanderley Marchi Júnior*

Palavras-chave

Futebol.
 Jornalismo.
 Esportes.
 Narração.
 Ética.

Resumo: Neste texto procuramos: (1) apresentar as narrativas antitéticas veiculadas sobre a performance da seleção brasileira de futebol no jornal *Folha de São Paulo* em razão da conquista da Copa das Confederações de 2013 e da eliminação na semifinal da Copa do Mundo da FIFA de 2014 e (2) trazer à tona o mecanismo estruturante através do qual essas narrativas são ofertadas no mundo social. Para dar conta dessa proposta, o texto foi dividido em três momentos. Nas seções iniciais do manuscrito procuramos levar a cabo o primeiro objetivo, enquanto na terceira parte argumentamos que a eficácia social das narrativas esportivas se constrói mediante duas estratégias relacionais – consagração e estigma – que, em parte, esclarecem a trama na qual as narrativas jornalísticas sobre a seleção brasileira de futebol a levam do “céu” ao “inferno”, sem deixar, no entanto, de retroalimentar o sistema de crenças futebolísticas do país.

Keywords

Football.
 Journalism.
 Sports.
 Narration.
 Ethics.

Abstract: This article seeks (1) to present antithetical narratives about Brazil's national football team published by newspaper *Folha de São Paulo* when the team won the 2013 FIFA Confederations Cup and was eliminated in the semi-finals of 2014 FIFA World Cup and (2) to point out the structuring mechanism through which those narratives are presented in the social world. Therefore, the text has three parts. In the early sections we pursue the first objective while in the third part we argue that social effectiveness of sports narratives is built through two relational strategies – recognition and stigma – which partly explain the plot in which journalistic accounts about Brazil's national football team take it to “heaven” or “hell”, while feeding back into the country's system of football beliefs.

Palabras clave

Fútbol.
 Periodismo.
 Deportes.
 Narración.
 Ética.

Resumen: En este trabajo se pretende: (1) presentar las narrativas antitéticas difundidas sobre la selección brasileña de fútbol en el periódico *Folha de São Paulo* con motivo de la conquista de la Copa de las Confederaciones de 2013 y su eliminación en las semifinales de la Copa del Mundo FIFA de 2014 y (2) traer a la superficie el mecanismo estructurante a través del cual estos relatos son ofrecidos en el mundo social. Para ello, el texto se divide en tres momentos. En las primeras secciones del manuscrito buscamos desarrollar el primer objetivo, mientras que en la tercera parte se argumenta que la eficacia social de la narración deportiva se construye mediante dos estrategias relacionales – consagración y estigma – que, en parte, aclaran la trama donde las narrativas periodísticas sobre la selección brasileña de fútbol llevan a ésta del “cielo” al “inferno”, sin dejar, sin embargo, de retroalimentar el sistema de creencias futbolísticas del país.

* Universidade Federal do Paraná.
 Curitiba, PR, Brasil
 E-mail: marchijr@ufpr.br

** Universidade Estadual de Maringá.
 Maringá, PR, Brasil
 E-mail: julianoedf@yahoo.com.br

Recebido em: 05-07-2015
 Aprovado em: 18-10-2015



1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do futebol no Brasil, tanto do ponto de vista estrutural como do simbólico-emocional, é paralelo ao processo histórico de emergência de um contexto de ação futebolístico que envolve, a partir de trama complexa, profissionais, especialistas e torcedores no propósito de fazerem valer determinadas representações e práticas sociais não somente nesse *locus*, mas, de uma forma mais ampla, no próprio *socius* esportivo organizado no país (TOLEDO, 2000; SOUZA, 2014). Tal dinâmica anunciada, por sua vez, deve ser entendida correlacionalmente ao desenvolvimento de outros setores ou campos sociais que, por estarem imbricados à conformação do fenômeno esportivo moderno como prática mercantilizada e espetacularizada, concorreram para torná-lo ainda mais profissional no que concerne à sua exploração como produto da indústria cultural de entretenimento (DAMO, 2008).

Aliado a esse crescimento econômico, político, publicitário e cultural do fenômeno esportivo, o futebol, na condição simbólico-emocional de “esporte das multidões” (SOUZA, 2014), manteve seu caráter, por assim dizer, relativamente “apaixonante”, sendo que essa relação tênue entre razão e emoção foi um dos mais importantes elementos propulsores de seu crescimento vertiginoso na sociedade do espetáculo e do consumo, principalmente no que diz respeito à participação efetiva do torcedor, seja ele aficionado ou não.

A compreensão sobre como se dão e se constroem essas relações simbólico-emocionais, de certa forma, instigou a produção de conhecimento sobre futebol no campo acadêmico-científico, se bem que não podemos esquecer que essa lógica de inter-relação entre a esfera epistemológica e ontológica também opera no caminho inverso, condição essa que ganha força na medida em que passamos a considerar o efeito das “ideias-força” tecidas na academia na sobredeterminação de aspectos sociais estruturantes da realidade futebolística brasileira (SOUZA, 2014). De qualquer forma, no entanto, a prática futebolística apresenta-se como um pano de fundo capaz de suscitar uma série de questionamentos que explicam o funcionamento da sociedade ou que, no mínimo, elucidam alguns de seus aspectos funcionais (CAVALCANTI; CAPRARO; SOUZA, 2011) ou disfuncionais.

Esse grau de importância investigativa que o futebol, sobretudo a partir dos anos 1980, vem assumindo no âmbito das Ciências Sociais, culminando então com o desenvolvimento de análises teóricas cada vez mais rigorosas e sofisticadas sobre o objeto, permite, inclusive, ampliar o olhar sobre o fenômeno, se resguardando, por sua vez, do risco de retratar a realidade que essa prática esportiva representa e abrange, de maneira superficial e incompleta, passando a considerar, portanto, a pluralidade de agentes envolvidos no contexto de ação futebolístico moderno e o estabelecimento de relações múltiplas nesse espaço. Relações essas que, por conseguinte, apontam para a necessidade de mobilizarmos diversos recursos e instrumentais teóricos para interpretá-las (TOLEDO, 2000; DAMO, 2005; SOUZA, 2014).

Nessa infinidade de tratamentos possíveis, acreditamos que a retomada dos materiais impressos, somada a uma devida análise teórica deles (CINTRA SOBRINHO, 2004; JORGE, 2006), se constitui em uma das vias possíveis para entendermos o caráter espetacular e performático do futebol na sociedade do consumo, tendo em vista que a mídia impressa é uma das estruturas influenciadoras na formação da opinião sobre o (e no) esporte, além de um mecanismo capaz de apontar problemáticas sociais das quais é passível se apropriar no intuito

de tentarmos entender e desvelar algumas das tramas sociais constituídas em torno do futebol na sociedade moderna (CAVALCANTI; CAPRARO; SOUZA, 2011; SOUZA, 2014).

No presente artigo, partimos justamente desse tipo de direcionamento metodológico e assumimos como objetivos então apresentar, por um lado, as narrativas antitéticas veiculadas sobre a performance da seleção brasileira de futebol no jornal *Folha de S. Paulo* em razão da conquista da Copa das Confederações de 2013 e da eliminação na semifinal da Copa do Mundo da FIFA de 2014 e, por outro lado, trazer à tona o mecanismo estruturante através do qual essas narrativas esportivas são produzidas e ofertadas no mundo social. Para dar conta desses objetivos, estabelecemos como recorte empírico a retomada de uma edição de cada competição, mais especificamente a do dia seguinte aos dois eventos, analisando então manchetes e textos que pudessem nos ajudar a compreender a problemática definida para o artigo. Cabe notar que não encontramos um editorial exclusivo acerca das duas partidas retratadas e sim um destaque por parte do caderno esportivo com relação ao desempenho da seleção brasileira de futebol masculino nos dois respectivos eventos. Em termos de discussão teórica, nos respaldamos no modelo das formas-representações proposto por Toledo (2000) para pensar o futebol e no modelo de investigação contextualista do futebol moderno sugerido recentemente por Souza (2014) em interlocução crítica com Toledo (2000).

Com o propósito de organizar a argumentação, o texto foi dividido em três seções. Na primeira delas, recuperamos a narrativa da seleção brasileira de futebol levada a efeito no referido jornal por ocasião da conquista da Copa das Confederações em 2013. Na segunda parte do artigo, por sua vez, expomos a narrativa da seleção brasileira repercutida na *Folha de S. Paulo* como resultado ou mesmo um reflexo da derrota frente à seleção alemã na Copa do Mundo da FIFA de 2014. Na terceira parte, por fim, argumentamos que a eficácia social das narrativas esportivas se constrói mediante duas estratégias relacionais – a consagração e o estigma (BOURDIEU, 1998) – que, em parte, esclarecem a trama na qual as narrativas jornalísticas sobre a seleção brasileira de futebol a levam do “céu” ao “inferno”, sem deixar, no entanto, de retroalimentar o sistema de crenças futebolísticas do país.

2 DO CÉU...

Na primeira página do seu Caderno de Esportes, a *Folha de S. Paulo* estampou uma foto do jogador Neymar com a seguinte manchete: “Imagina na copa...” (IMAGINA, 2013, p. D1). A imagem do atacante da seleção com a mão na boca juntamente com a manchete preenche, a propósito de outras inserções jornalísticas que se deram também nesse sentido, a função de criar uma expectativa para a atuação da seleção brasileira na Copa do Mundo da FIFA em 2014, logo após então ter conquistado a Copa das Confederações frente à Espanha, em partida que, segundo o jornal, fez a seleção brasileira, desacreditada no plano simbólico-emocional nacionalista, recuperar seu prestígio com os torcedores. Nesse sentido, é possível afirmar que a vitória repercutida na esfera pública teve o potencial de alavancar, mediante o poder simbólico da mídia, a imagem da seleção, anteriormente em baixa com sua torcida.

Em outro destaque, o jornal afirma: “Brasil sufoca a Espanha e conquista a Copa das Confederações, ensaio para o mundial de 2014” (RIZZO; FERNANDEZ; RANGEL, 2013, p. D2). Ainda na mesma notícia o jornal relata: “A Espanha dos astros Xavi e Iniesta, atual campeã mundial, invicta havia 29 partidas oficiais e favorita em pleno Maracanã foi pulverizada”.

Diferentemente do destaque anterior, esse trecho da notícia remete à ideia exagerada do desafio superado, retratando a seleção espanhola como concorrente esportiva relevante, justificado pelas alcunhas de “campeã”, “invicta” e “favorita”, tratando o feito a partir do que Rubio (2001) denomina de “reconhecimento pela trajetória alcançada”.

Certamente que o fato de o periódico ser de origem nacional influencia a forma com que a notícia é produzida. Por conseguinte, essa movimentação discursiva carregada de emoções está relacionada à necessidade dos especialistas esportivos, na maior parte das vezes, sem uma investidura friamente racionalista e, portanto, sob a forma de *habitus*, produzirem um discurso de entretenimento passível de fazer valer determinadas tensões no mercado de bens simbólicos do futebol brasileiro. Dito de outro modo, esse tipo de discurso, a exemplo do levado a efeito na *Folha de S. Paulo* em razão da conquista da Copa das Confederações pela seleção brasileira de futebol, além de preencher sua função informativa, deve ser também apaixonante para não frustrar as expectativas de seus leitores e consumidores, haja vista o futebol ser assim enquadrado por tais atores no campo empírico (SOUZA, 2014).

Essa retórica emotiva e sentimentalista, que mantém viva a “tradição inventada” sobre o futebol brasileiro na figura do selecionado nacional (SOARES, 1998), se faz refletir ainda em comentários do tipo: “A conquista é mais que um título. É também a coroação do trabalho do técnico Luiz Felipe Scolari, último campeão mundial com a seleção, que foi contratado em novembro para ganhar a Copa e reconquistar a empatia da torcida”. E prossegue o jornal na mesma linha: “Felipão cativou a torcida e também encontrou um time, deu padrão de jogo a ele e fez Neymar viver seus bons momentos de Santos na seleção”.

Importante frisar que, no âmbito do contexto de ação futebolístico brasileiro, o técnico de futebol, na condição de agente pertencente à categoria êmica dos profissionais (TOLEDO, 2000; SOUZA, 2014), insurge como uma figura ideal-típica central nas análises que são feitas sobre futebol na imprensa esportiva e, por extensão, no macrocosmo social. Tal como se nota no Caderno de Esportes da *Folha de S. Paulo*, foram pinçados elementos discursivos que legitimassem a presença de Felipão, recebida com dúvidas por parcela da sociedade brasileira, como comandante da seleção para a Copa da FIFA de 2014, fazendo uso, para isso, de uma adjetivação abusiva – marca indelével dos periódicos que tratam do esporte ou reservam um espaço para o noticiamento do fenômeno em seus editoriais, com suas devidas exceções, claro – pautada na efemeridade do contexto vitorioso que se estabeleceu, inexistindo, portanto, um teor crítico sobre a realidade do trabalho desenvolvido pelos profissionais em questão.

O mesmo tipo de intervenção jornalística vemos se aplicar em relação à figura de alguns jogadores da seleção brasileira, especialmente aqueles que apresentam performances que se enquadram ao ideal de “futebol-arte” associado nas diferentes instâncias culturais e sociais à lógica de oferta e demanda supostamente singular com que se deu a apropriação e circulação dessa prática esportiva no Brasil (SOUZA, 2014). Há, por assim dizer, um trabalho de investidura discursiva no propósito de fazer crer na singularidade do futebol brasileiro, reificando, não raras vezes, portanto, o papel de figuras individuais no êxito do selecionado nos certames: “Para conquistar a Copa das Confederações, ontem, Neymar precisou derrotar nove companheiros de seu novo clube, o Barcelona” (NEYMAR, 2013, p. D3).

Afirmções como essa, além de personificarem a notícia – tendo em vista que mesmo se tratando de um esporte coletivo notamos a necessidade de a *Folha de S. Paulo* buscar os protagonistas da trama em questão –, reforçam o processo de construção das “mitologias

esportivas” (RÚBIO, 2001) e, por assim dizer, mantêm atualizado o sistema de crenças preponderante no contexto do futebol brasileiro (SOUZA, 2014). Mas o fator primário é que tal investidora tende a excluir do discurso todas as demais potenciais circunstâncias e atores que, de uma forma ou outra, concorreram para que o título acontecesse. Há, em suma, nesse tipo de montagem discursiva, um esforço não plenamente racionalizado de fazer valer o elemento individual em relação ao coletivo no contexto de ação futebolístico brasileiro, retroalimentando então a “fantasia compensatória” de que o Brasil é um verdadeiro “reduto de boleiros” (SOUZA, 2014), bastando apenas reuni-los em campo e imprimir algum padrão tático de jogo para que a pretensa superioridade se revele perante os adversários.

A propósito, é oportuno frisar que os elementos simbólico-emocionais que sustentam essa retórica presente na performance social dos jornalistas da *Folha de S. Paulo* em relação ao tema abordado reportam e induzem a uma tentativa de supervalorização do histórico de conquistas da seleção brasileira. O trecho que segue é exemplar do que estamos sugerindo:

Os discursos dos jogadores ecoaram palestra motivacional do coordenador-técnico do Brasil, Carlos Alberto Parreira, que disse antes da final que **no futebol existe uma hierarquia e que os espanhóis haviam sido campeões sem enfrentar os brasileiros** (FOI, 2013, p. D4, os grifos nossos).

Como parte da crença coletiva de que o Brasil é o “país do futebol” e com vistas a restabelecer uma hierarquia parcialmente rompida dado o recente histórico do desempenho do selecionado brasileiro na Copa do Mundo da FIFA de 2006 e 2010, a imprensa esportiva e os profissionais acabam tentando promover uma retomada da identidade futebolística brasileira toda vez que o Brasil vence um torneio oficial, como a Copa América de 2007 e a Copa das Confederações de 2013. Algo curioso nessa tentativa bem-sucedida de retomar a memória vitoriosa do selecionado brasileiro de futebol nas grandes competições é que essas conquistas supracitadas ocorreram contra seleções tradicionais no contexto de ação futebolístico mundial, a saber, Argentina no primeiro caso e a Espanha no segundo. De certa forma, por mais secundária que seja a competição, imprensa e profissionais do futebol acabam supervalorizando a performance nacional nesses certames, mobilizando o público de maneira peculiar no propósito de manter viva a tradição nacionalista de que o Brasil é e sempre será o melhor no futebol. Como consequência, cria-se uma expectativa de que os resultados nessas competições secundárias se transformem em conquistas mundiais, que não só reafirmem a tradição amalgamada no cenário brasileiro, mas que comprovem as análises otimistas oriundas das conquistas em campeonatos de menor expressão.

3 ...AO INFERNO!

Na capa do Caderno de Esportes do dia seguinte à derrota da seleção brasileira para a Alemanha por 7 a 1, a *Folha de S. Paulo* veiculou manchete categórica: “Vexame: Sem Neymar e Thiago Silva, seleção sofre apagão e é humilhada pela Alemanha e, na pior derrota de sua história, dá adeus ao sonho de ganhar o hexa em casa” (VEXAME, 2014, p. D1).

Igualmente ao que ocorre nos catárticos momentos das vitórias esportivas nacionais, como discutimos na seção anterior, a estratégia discursiva do jornal consiste em produzir explicações que se centram na figura de agentes isolados. Essa estratégia, por sua vez, responde a um duplo critério, que é enfatizar a ausência dos “ídolos esportivos” nas partidas

decisivas – a exemplo de Neymar e Thiago Silva conforme o caso em questão – ou então eleger “bodes expiatórios” oportunos para justificar perante a opinião pública desempenhos que são considerados incongruentes à manutenção da narrativa mitológica de que o Brasil monopolizaria a prática do melhor e mais bem jogado futebol do planeta.

Dando continuidade à sua abordagem sobre a eliminação do selecionado brasileiro de futebol na Copa do Mundo da FIFA de 2014, a *Folha de S. Paulo* reforça:

Catástrofe do Mineirão: Seleção protagoniza seu maior vexame ao ser goleada pela Alemanha e perde a chance do hexa: Pela segunda vez em sua história, o Brasil perdeu a chance de se tornar campeão mundial de futebol em seu território. Se em 1950 a derrota teve contornos de tragédia, a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação. A seleção brasileira conheceu, neste 8 de julho, a pior derrota jamais sofrida em sua trajetória centenária. O golpe deixará sequelas [...] A equipe dirigida por Joachim Low fez 7 a 1. Em apenas 29 minutos de jogo, já havia marcado 5 a 0, mais um recorde das copas. Parecia um treino entre profissionais, de um lado, e juvenis, do outro (CATÁSTROFE, 2014, p. D2).

Notamos a partir do fragmento em questão que o jornal constrói sua narrativa sobre a eliminação brasileira em 2014 de forma satírica, evidenciando a existência de um “*habitus* editorial” que orienta suas intervenções acerca do universo esportivo e do contexto de ação futebolístico brasileiro. Percebemos isso, em especial, quando o que está em jogo é a performance da seleção brasileira de futebol ou dos clubes mais bem alocados na hierarquia das preferências e antipreferências clubísticas no país. Mais que isso, observamos que a natureza antitética do futebol, tão bem condensada na fórmula “veneno” e “remédio” (WISNIK, 2008), se faz traduzir no próprio raio de ação da *Folha de S. Paulo* de modo que as notícias correspondam às representações e aos sentimentos que os próprios leitores e espectadores, em sua maioria, já interpretam, de diferentes formas, em seus cotidianos através de uma potente negociação que envolve mutuamente a sensação de vitória e de derrota (TOLEDO, 2000; SOUZA, 2014).

No caso em evidência, a negociação do sentimento de derrota da seleção brasileira de futebol perante a Alemanha foi realizada na *Folha de S. Paulo* através daquilo que Costa (2010) define como um “discurso forte”, ou seja, aquele discurso que causa impacto pelas expressões utilizadas na descrição da notícia. O uso de adjetivos negativos como “catástrofe no mineirão”, “maior vexame”, “humilhação” demonstra, de maneira insofismável, o caráter melodramático na interpretação do jornal após a partida, além de que cristaliza a imagem fracassada, já que se criou uma expectativa não correspondida (COSTA, 2008).

Na esteira dessa mesma performance discursiva, mas em outra notícia, o jornal dá continuidade ao tom crítico de suas interpretações:

Diante do Mineirão lotado, a seleção protagonizou nessa terça-feira (8) o maior vexame da sua história. Cinco vezes campeão mundial, o Brasil foi massacrado em Belo Horizonte e perdeu a chance de disputar a decisão da Copa no Maracanã no domingo (13), para tentar apagar a frustração de 1950 (ITRI, MAISONNAVE, RIZZO, RANGEL, 2014, p. D3).

A narrativa, tal como acabamos de ler, remete a um sentimento de fracasso, inclusive de quem escreve a notícia, já que logo adiante o discurso reforça que o Brasil é pentacampeão mundial, o que supostamente o credenciaria a mais uma conquista, condição que não se confirmou e frustrou a expectativa socialmente construída por profissionais, especialistas e

torcedores. Isso ocorre não somente como uma demanda gerada em função da realização da Copa do Mundo da FIFA no Brasil em 2014, mas como um processo de construção histórica de um sistema de crenças que tem regulado, de longa data, a oferta e consumo dos bens e práticas futebolísticas na sociedade brasileira por meio de uma dinâmica que mobiliza mútua e reciprocamente a esfera epistemológica e ontológica (SOUZA, 2014).

Uma evidência de que esse sentimento de fracasso – potencializado na ocasião tanto pela goleada sofrida como pelas falsas expectativas que haviam sido criadas em relação ao rendimento esportivo da seleção brasileira de futebol masculino por conta da conquista da Copa das Confederações em 2013 – interliga, através de uma espécie de “cordão invisível”, o discurso dos diferentes atores estruturantes do contexto de ação futebolístico brasileiro – ou, melhor dizendo, estrutura uma narrativa coletiva que envolve em um mesmo enredamento simbólico-emocional tanto quem escreve sobre futebol como quem joga ou quem assiste ou lê as notícias (TOLEDO, 2000). Essa narrativa é passível de ser visualizada no excerto a seguir:

Dor e vexame. Essas foram as duas palavras mais usadas pelos jogadores da seleção na saída do vestiário rumo ao ônibus que os levou ao aeroporto para voltar ao Rio de Janeiro. David Luiz, zagueiro e capitão nesta terça-feira (8), o único aplaudido pela torcida ao deixar o Mineirão, disse que a pior frustração foi ter frustrado os torcedores. “Desculpa todo mundo, desculpa todos os brasileiros, só queria ver o povo sorrindo, Deus sabe o quanto queria ver o Brasil feliz por causa do futebol” afirmou David Luiz (SÓ, 2014, p. D3).

Para além do sentimento de humilhação, indignação e culpa expresso em termos como “vexame”, “dor”, “massacre”, “tragédia” e outros com a mesma função enunciativa que se fizeram circular na *Folha de S. Paulo* após a derrota do Brasil frente à Alemanha, está subjacente, tanto no trabalho jornalístico de construção da narrativa do fracasso no jornal como no próprio posicionamento dos jogadores, comissão técnica e, possivelmente, dos espectadores/torcedores já socializados nesse esquema nacionalista de negociação da derrota esportiva (SOUZA, 2014), a ideia de que não seria mais que obrigação a seleção brasileira de futebol sair sempre vitoriosa, desconsiderando, nesse caso, a autonomia do universo esportivo em privilegiar que a melhor equipe ou o melhor jogador, na maior parte das vezes, e com suas devidas exceções e imprevisibilidades, vença.

Na sequência de produção desta narrativa do fracasso, o jornal sugere que a seleção brasileira estaria órfã de Neymar e que a comoção criada em torno do atleta brasileiro, por conta da lesão sofrida na partida anterior pelas quartas de final contra a seleção colombiana, silenciou-se conforme saíram os gols alemães. Além disso, o periódico afirmou que Bernard teve uma missão impossível de preencher o vazio em campo deixado pelo atacante brasileiro. Para fechar, a *Folha de S. Paulo* questiona se o resultado seria diferente com Neymar em campo (ITRI, MAISONNAVE, RIZZO, MESQUITA, PEIXOTO, 2014, p. D12).

Em alguns momentos, o jornal deixa de reconhecer o mérito adversário, insistindo em discutir erros, falhas e ausências que permitissem compreender a goleada sofrida na partida em questão. Nesse sentido, nota-se que a *Folha de S. Paulo* buscou explicações para o fracasso pois precisava justificar de alguma forma por que o Brasil – considerado tradicionalmente por eles mesmos, pelos profissionais do esporte e pelos torcedores como a melhor seleção de futebol do mundo – sucumbiu novamente em um mundial da FIFA realizado em casa, diante de um adversário que, embora mais bem preparado do ponto de vista técnico-tático, físico e psicológico, não foi reconhecido nas narrativas enquanto tal.

É possível que um pouco dessa perplexidade esteja relacionada à ideia de que, mesmo sendo um meio de comunicação que se diz objetivo e neutro, o periódico – leia-se: os atores sociais que estão por detrás de seu funcionamento – não é capaz de se dissociar da carga de sentimento inerente ao ato de discursar sobre o esporte em geral e sobre o futebol em particular, ainda mais quando se trata da seleção do próprio país em uma Copa do Mundo na qual se é anfitrião. Em admitindo então a inexistência dessa pretensa objetividade no trabalho do jornal ao abordar o futebol, quer quando trate da seleção ou dos clubes, torna-se um exercício mais fácil compreender que uma das estratégias recorrentes utilizadas no intuito de remediar a expectativa esportiva socialmente frustrada que estamos analisando foi fazer o uso de fatos como, por exemplo, a ausência de Neymar ou a atuação insatisfatória de seu substituto (no caso, Bernard) para tentar explicar e amenizar a eliminação por 7 a 1.

4 A EFICÁCIA PERFORMATIVA DAS NARRATIVAS ESPORTIVAS

O subcampo do jornalismo esportivo faz parte do campo do jornalismo, ou ainda, mais amplamente, do campo de oferta e demanda dos bens midiáticos. Poderíamos perfeitamente encaminhar-nos para o fechamento da discussão a partir deste direcionamento teórico, mas, dada a cumplicidade discursiva estabelecida entre os especialistas (jornalistas e cronistas), profissionais (jogadores e técnicos) e torcedores na produção das narrativas antitéticas sobre a seleção brasileira de futebol, independentemente dos postos que ocupam, dos campos sociais que circulam e do grau de distanciamento que conservam em relação aos enunciados performativos que são agentes inventivos na sua (re)produção, entendemos ser mais apropriado argumentar sobre o poder simbólico da mídia como um efeito que não é exercido hierarquicamente de um campo a outro e sim como um mecanismo estruturante da própria emergência de um contexto de ação futebolístico nacional (SOUZA, 2014).

Avançando nessa análise proposta, é importante inicialmente destacar que uma parte considerável das narrativas que a imprensa produz sobre esporte, seja no Brasil ou não, é repercutida no mundo social a partir de uma lógica dualista que oscila entre o discurso do sucesso e do fracasso, refletindo, até certo ponto, a própria dinâmica interna de organização do jogo esportivo em função de suas regras e de seu objetivo principal, que é determinar o vencedor e o perdedor. Assumindo então essa lógica como verdadeira, é possível avançar no tratamento dos discursos performativos do futebol como um efeito que remete às relações de cumplicidade discursiva firmadas entre profissionais, especialistas e torcedores no contexto de ação futebolístico moderno. Tais narrativas, em outros termos, são frutos dos consensos irrefletidos que são partilhados entre esses três grupamentos ideais-típicos e é justamente essa cumplicidade, evidentemente desproporcional e manifesta singularmente segundo o raio de ação que cabe a cada um dos três supracitados grupos na dialética de oferta e consumo das representações futebolísticas (SOUZA, 2014), que faz, por exemplo, com que os discursos de sucesso e fracasso investidos em torno da seleção brasileira de futebol e dos atores que a compõem ganhem contornos tão eficazes no mundo social.

É em virtude também, portanto, dessa trama estabelecida no contexto de ação futebolístico que o poder simbólico investido nas práticas e nas representações das mais diversas ordens traduzidas massivamente através da imprensa escrita ou televisionada pode ser vivido despercebidamente pelos atores sociais elencados, afinal, trate-se de um jornalista,

um torcedor ou jogador, todos esses agentes, de longa data – e dado o processo de construção e preservação da memória coletiva – já estão socializados nesse esquema de percepção dos fatos esportivos. Em suma, toda essa dinâmica da “falação esportiva” que é edificada por meio de um duplo critério estruturante – consagração e estigma, essas duas variações pelas quais o poder simbólico se faz valer socialmente (BOURDIEU, 1998) – se constrói por vias naturalizadas e é esse justamente um dos princípios, talvez o mais decisivo, de sua eficácia social, pois se tal dinâmica fosse apropriada de forma refletida e crítica, ponderando-se então as emoções e sensibilidades esportivas que se entrelaçam às variáveis nacionalistas e regionalistas, o noticiamento e a “falação” sobre o universo esportivo com todos seus sensacionalismos e explosões catárticas não passariam, talvez, de uma farsa, comprometendo o próprio circuito mercadológico em que o esporte está inserido, já que seu fundamento oculto de funcionamento estaria revelado e explícito aos olhos de todos.

Os efeitos que essa dinâmica trazida à tona continua exercendo sobre os seres humanos singulares e as coletividades são ainda bastante deletérios, tendo a potencialidade de sugerir destinos sociais, seja, por exemplo, a um atleta ou técnico que atua no contexto de ação futebolístico, seja a um grupo mais representativo como uma nação que ora alimenta suas ilusões nacionalistas via esporte, ora vive o sentimento de desilusão e tragédia por ver suas expectativas socialmente constituídas frustradas. Como sugere Bourdieu (1998, p. 102), em uma de suas fórmulas exemplares: “Todos os destinos sociais, positivos ou negativos, consagração ou estigma, são igualmente fatais – quero dizer mortais – porque encerram aqueles assim distinguidos nos limites que lhes são atribuídos”.

Assumimos então que o poder simbólico da mídia em relação ao noticiamento dos fatos esportivos opera por meio dessas duas frentes relacionais e, mais que isso, que a própria eficácia social dessas narrativas esportivas produzidas no campo midiático só se concretiza porque tanto torcedores como profissionais já estão socializados, de forma naturalizada, por esse modo antitético de viver, enxergar e discursar sobre o esporte. Por sinal, é necessário lembrar que o fenômeno esportivo fornece, em grande medida, inclusive, material de apoio ao trabalho dos profissionais do campo midiático a partir de entrevistas, de seus comportamentos *in loco* nos estádios e de suas intervenções nas redes sociais, de modo que o ciclo de retroalimentação mútua na produção das narrativas de sucesso e fracasso social sobre seleções, clubes, atletas, técnicos, dirigentes etc. se mantém assegurado. Partindo deste direcionamento, é possível, inclusive, dimensionar com um pouco mais de sofisticação teórica a trama que no intervalo de um pouco mais de um ano levou a seleção brasileira masculina de futebol e alguns personagens associados a ela do “céu” dos elogios ao “inferno” das críticas.

Nesse sentido, é imprescindível destacar que o discurso jornalístico materializado na *Folha de S. Paulo* em virtude da conquista da Copa das Confederações em 2013 pelo selecionado brasileiro de futebol sugere uma reaproximação entre torcida e seleção brasileira, favorecida pela retomada da confiança dos torcedores/espectadores em função do resultado vitorioso na competição. Isso, por sua vez, permite-nos tecer a conjectura de que, antes da conquista, a torcida estava reticente quanto ao desempenho do time, demonstrando como a compreensão do futebol brasileiro é imediatista, já que, após o título, o periódico veiculou uma expectativa positiva para a sequência das disputas. Compreendemos, assim, que a “trama apaixonante” na qual o futebol se enquadra afeta diretamente a forma como as narrativas esportivas são construídas, refletindo o modo com que especialistas, profissionais e torcedores

partilham de “crenças esportivas inarticuladas” (SOUZA, 2014) que denotam a interferência de subjetividades nacionalistas no ato de escrever sobre o futebol e nessa estrutura flexível de análise do espetáculo esportivo que se dá no interior do campo midiático.

Em contrapartida, quando retratou a eliminação brasileira na semifinal da Copa do Mundo da FIFA de 2014, o jornal *Folha de S. Paulo* buscou incessantemente justificativas para a derrota, além de menosprezar o mérito do adversário, já que não se podia compreender a superioridade alheia perante a ideia cristalizada de que o Brasil é o “país do futebol”, como se somente a seleção brasileira, em razão de seus jogadores, detivesse as características propícias para apresentar uma performance futebolística sob uma ótica plástica e vitoriosa. Essa estratégia recorrente de rememoração do futebol como uma entidade genuinamente nacional comprova o quanto o trabalho dos jornalistas esportivos é afetado por contingências históricas do contexto de ação futebolístico brasileiro e por um sistema de crenças compartilhado por outros atores protagonistas que fazem desse esporte um dos principais produtos culturais da modernidade (SOUZA, 2014). Essa lógica de perpetuação de tradições históricas, por sua vez, impede que os atores sociais se atentem para as constantes mudanças e evoluções da prática futebolística contemporânea, tanto do ponto de vista técnico-tático quanto físico e psicológico.

Como última observação, compete-nos advertir que a retomada do futebol no Brasil pela ótica do estigma e da consagração é algo que remonta, talvez, aos primórdios históricos do jornalismo esportivo brasileiro. Uma evidência disso é fornecida por Helal, Soares e Santoro (2004), quando argumentam que os jornais rememoravam, durante a Copa do Mundo de 1970, os fracassos de 1950 e 1966, bem como os êxitos de 1958 e 1962, a fim de exacerbar a paixão futebolística em seus torcedores/consumidores e promover uma espécie de ligação entre gerações que não viveram aquelas experiências, mas que, através da memória social da imprensa esportiva, poderiam desfrutar de traços do passado no presente.

Essa análise proposta por Helal, Soares e Santoro (2004), por conseguinte, também é válida para pensarmos a Copa do Mundo de Futebol de 1950. Algum tempo antes do evento, havia, por parte da imprensa e da própria sociedade organizada, uma desconfiança em relação ao desempenho da seleção no mundial, mas, com o desenrolar dos fatos e com o advento da possibilidade de conquistar o título, as narrativas apontavam para um redirecionamento do discurso, demonstrando confiança e esperança. Com o fracasso, a mudança no tratamento dos fatos foi inevitável e a imprensa esportiva buscava avidamente explicações para a derrota, culpando de forma categórica os atletas Barbosa, Juvenal e Bigode pelo ocorrido (FRAGA, 2009). Essas dinâmicas trazidas à tona, por sua vez, ilustram exemplarmente a forma pela qual os discursos estigmatizantes e de consagração a definirem destinos sociais no contexto de ação futebolístico moderno se constituem em contingências históricas que, em medida significativa, ajudaram a cristalizar essa natureza antitética das narrativas produzidas sobre a seleção brasileira de futebol, em uma lógica na qual ela ora está no céu, ora no inferno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Admitindo então que o contexto de ação futebolístico brasileiro é o *locus* no qual os profissionais que fazem o espetáculo, os especialistas que cobrem os fatos esportivos e os torcedores que consomem a prática cultural em questão partilham determinados “consensos

irrefletidos” sobre a circulação social do futebol no país – tratem-se das tramas simbólico-emocionais associadas ao circuito clubístico (DAMO, 2005) ou ao selecionado nacional tal como nos aprouve discutir nas seções anteriores –, foi possível, ao longo do texto, restituir – sem reificarmos os efeitos de poder exercido de uma esfera social sobre outra, o que, no caso do que aqui foi tratado equivaleria, por exemplo, a pensar que o poder simbólico do espaço de produção midiática se sobreporia aos raios de ação dos demais atores no sentido de fazer valer determinadas interpretações sobre o futebol e sobre a performance da seleção brasileira – a dinâmica estruturante da eficácia performativa das narrativas esportivas no mundo social, tomando como pano de fundo os discursos de fracasso e sucesso veiculados no jornal a *Folha de S. Paulo* em relação ao desempenho da seleção brasileira de futebol masculino na Copa das Confederações de 2013 e na semifinal da Copa do Mundo da FIFA de 2014.

Tendo, portanto, procurado somar dados de uma pesquisa empírica situada à reflexão teórica, chegamos à principal conclusão de que essa dinâmica estruturante aludida se constrói por meio de uma estratégia relacional que mobiliza convenientemente a consagração e o estigma, de modo que as narrativas jornalísticas produzidas sobre a seleção brasileira de futebol, devedoras, conforme sugerimos anteriormente, a um processo construído de longa data, induzem a crer que os fatos correspondem às suas enunciações, criando, assim, falsas expectativas sociais, por um lado, e o sentimento de indignação coletiva, por outro, sem jamais, entretanto, romper, independentemente mesmo das circunstâncias de sucesso e fracasso esportivo, com a crença nacionalista de que o Brasil é o “país do futebol” e um “celeiro de talentos natos”, tendo, conseqüentemente, a obrigação de sempre sair-se vitorioso nas competições que disputa. No primeiro caso, a crença nacionalista é repercutida através da lógica social de reforço da suposta apropriação *sui generis* da prática futebolística no Brasil a ponto de se tornar uma “entidade nacional”, conforme aponta Souza (2014), enquanto, no segundo caso, a crença se mantém viva por meio de uma lógica da negação do mérito das seleções adversárias, demonstrando que, tanto nas situações de sucesso ou fracasso esportivo, a seleção brasileira de futebol é o parâmetro normativo que estrutura as análises jornalísticas, ao menos no âmbito das relações socioesportivas configuradas no país.

Certos de que não foi possível esgotar nesse texto as possibilidades analíticas para o objeto eleito, dada, inclusive, a complexidade da problemática sociologicamente apresentada e os limites de exposição reservados a um artigo, ao menos, temos a clareza de que o percurso aqui eleito permitiu desnaturalizarmos o processo de produção e os efeitos de circulação das narrativas esportivas, especialmente daquelas que se circunscrevem ao âmbito do contexto de ação futebolístico brasileiro e, de uma forma mais precisa, ao domínio de atuação da seleção brasileira de futebol masculino nas competições organizadas pela FIFA. Vimos, portanto, que as narrativas sobre a performance da seleção brasileira no jornal a *Folha de S. Paulo* tiveram um impacto social sentimentalista, e traduziram e satisfizeram o entendimento de sucesso ou fracasso socialmente constituído pela rede de atores estruturantes do contexto de ação futebolístico brasileiro. Além disso, percebemos que, se o futebol não for apropriado a partir dessa lógica discursiva dual, ele perde em carga emocional e mimética, condição que compromete ou, no mínimo, despotencializa os efeitos da trama simbólico-emocional que regula a dialética de oferta e consumo dos bens futebolísticos na sociedade moderna.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CARVALHO, João Luis de Pinho. O pensamento de superfície em linha do telejornal e suas transparências. In: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DE MINAS GERAIS, 2. 2009. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: 2009. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/ecomig/wp-content/uploads/2009/09/GT-01_Jo%C3%A3o-Carvalho.pdf>. Acesso em: 6 out. 2015.
- CATÁSTROFE do Mineirão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 jul. 2014. Caderno de Esportes, p. D2.
- CAVALCANTI, Everton Albuquerque; CAPRARO, André Mendes; SOUZA, Doralice Lange. “Cai o pano”: uma análise do encerramento da carreira de Ronaldo “fenômeno” a partir de duas mídias digitais esportivas. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.3, p. 175 – 192, jul./set. 2011.
- CINTRA SOBRINHO, David. O importante é... Breves considerações sobre aspectos das relações entre mídia e esporte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004. Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.
- COSTA, Leda Maria. **A trajetória da queda**: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. 2008. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, UERJ, Rio de Janeiro. 2008.
- COSTA, Leda Maria. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **Logos 33 Comunicação e Esporte**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p. 65 – 77, 2. sem. 2010.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.23, n. 66, p. 139 – 150, fev. 2008.
- ‘FOI o jogo mais especial’ da carreira, diz Fred. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1º. jul. 2013. Caderno de Esportes, p. D4.
- FRAGA, Gerson Wasen. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira**: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. 2009. 398 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre/RS, 2009.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 61 – 78, jan./jun. 2004.
- IMAGINA na Copa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1º. jul. 2013. Caderno de Esportes, p. D1.
- ITRI, Bernardo; MAISONNAVE, Fabiano; RIZZO, Marcel; RANGEL, Sérgio. Goleada relâmpago é ponto crítico do futebol pífilo da seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 jul. 2014. Caderno de Esportes, p. D3.
- ITRI, Bernardo; MAISONNAVE, Fabiano; RIZZO, Marcel; MESQUITA, Lígia; PEIXOTO, Paulo. Órfãos de NEYMAR. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 de jul. 2014. Caderno de Esportes, p. D12.
- JORGE, Thaís Mendonça. A notícia e os valores-notícia: o papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. **Unirevista**, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p. 1 – 14, jul. 2006.
- NEYMAR exalta ‘11 premiados’ e se escala para a Copa de 2014. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1º. jul. 2013. Caderno de Esportes, p. D3.
- RIZZO, Marcel; FERNANDEZ, Martín; RANGEL, Sérgio. PRESSÃO. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1º. jul. 2013. Caderno de Esportes, p. D2.

RÚBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. 1998. 336f. Tese (Doutorado em Educação Física). Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1998.

'Só queria ver o povo sorrindo', diz David Luiz, o único aplaudido. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 jul. 2014. Caderno de Esportes, p. D3.

SOUZA, Juliano de. **O “esporte das multidões” no Brasil**: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais. 2014. 432 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Curitiba, UFPR, 2014.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000. 348 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, USP, 2000.

VEXAME. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 jul. 2014. Caderno de Esportes, p. D1.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.